26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 2 – Organização e representação do conhecimento

HOPE OLSON E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NO BRASIL: RECEPÇÃO INTELECTUAL, CIRCULAÇÃO TEÓRICA E APROPRIAÇÃO EPISTEMOLÓGICA

HOPE OLSON AND KNOWLEDGE ORGANIZATION IN BRAZIL: *INTELLECTUAL RECEPTION, THEORETICAL CIRCULATION, AND EPISTEMOLOGICAL APPROPRIATION*

Walter Moreira – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) Campus Marília
Amanda Mendes da Silva – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) Campus Marília

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Os estudos recentes incluídos no campo da organização do conhecimento e orientados por teorias críticas revelam preocupação constante com a superação do caráter prescritivo dos sistemas de organização do conhecimento e da concepção de neutralidade científica e técnica desses sistemas, sem compreendê-los como construções sociais, históricas e políticas. A obra de Hope Olson ganha destaque nesse cenário por sua capacidade de questionar os fundamentos epistemológicos da OC. Assim, investiga-se a recepção da obra dessa pesquisadora na produção científica brasileira em Organização do Conhecimento, com recorte temporal de 2002 a 2026. A pesquisa, de natureza quali-quantitativa, do tipo explicativa e bibliográfica, combinou análise descritiva da produção científica com uso de indicadores bibliométricos e análise de conteúdo, aplicados a um corpus de 127 trabalhos identificados em periódicos, anais do ENANCIB e anais da ISKO-Brasil. Os resultados evidenciam um processo crescente de apropriação da obra de Olson, com pico em 2017, e revelam quatro eixos temáticos predominantes de recepção: epistemológico, ético, sociocultural e político. Conclui-se que, configurando uma recepção crítica brasileira singular, a recepção é predominantemente conceitual, opera em parte como argumento de autoridade e ocorre, em proporção significativa, de modo indireto, mediada por outros autores.
Palavras-chave: organização do conhecimento; sistemas de organização do conhecimento; teorias críticas; Hope Olson.

Abstract: Recent studies within the field of Knowledge Organization, informed by critical theories, reveal a persistent concern with overcoming the prescriptive nature of knowledge organization systems and the assumption of their scientific and technical neutrality, without conceiving them as social, historical, and political constructions. The work of Hope Olson

stands out in this context due to its capacity to challenge the epistemological foundations of Knowledge Organization. In this sense, this study investigates the reception of this scholar's work in Brazilian scientific production in Knowledge Organization, covering the period from 2002 to 2026. The research is qualitative-quantitative, explanatory, and bibliographic in nature, combining a descriptive analysis of scientific production with the use of bibliometric indicators and content analysis, applied to a corpus of 127 works identified in journals and in the proceedings of ENANCIB and ISKO-Brazil. The results show a growing process of appropriation of Olson's work, with a peak in 2017, and reveal four predominant thematic axes of reception: epistemological, ethical, sociocultural, and political. It is concluded that, while configuring a distinctive Brazilian critical reception, this reception is predominantly conceptual, operates partly as an appeal to authority, and occurs, to a significant extent, indirectly, mediated by other authors.
Keywords: knowledge organization; knowledge organization systems; critical theories; Hope Olson.

1 INTRODUÇÃO

O campo da organização do conhecimento (OC) tem adotado críticos sobre os sistemas e produtos que o instrumentalizam. Não se admite mais o olhar ingênuo que os interpreta como reflexos da realidade. Este trabalho posiciona-se criticamente ante as pretensões hegemônicas e universalistas dos sistemas de classificação projetados no final do século XIX e de suas heranças, que ainda ressoam nos SOC modernos. Nesse contexto, têm emergido discussões que, sob o argumento da justiça social, criticam os modos de representação de grupos historicamente marginalizados nos SOC "tradicionais", incluindo mulheres, pessoas negras, povos indígenas, migrantes e refugiados, pessoas LGBTQIA+, comunidades de diferentes tradições religiosas, entre outros grupos em situação de vulnerabilidade ou exclusão social (Moreira; Silva, 2026). Discutir representação implica, naturalmente, tratar também da sub-representação, da ausência de representação e de representações enviesadas.

Uma das figuras mais representativas da abordagem crítica da organização do conhecimento é Hope Olson, professora emérita da *School of Information Studies*, *University of Wisconsin-Milwaukee*, que se tornou referência internacional ao questionar, de modo pioneiro, a marginalização, a exclusão e a invisibilidade em sistemas de classificação. O livro *The power to name* (Olson, 2002a) destaca-se em sua vasta produção sobre esse tema e contribui para a definição de uma agenda de pesquisa para o campo. Esta pesquisa visa a investigar a influência da obra de Olson na literatura brasileira da OC por meio da análise de sua recepção.

A investigação justifica-se por duas razões complementares. Do ponto de vista empírico, o volume de citações acumulado na literatura brasileira indica presença relevante e consistente

da pesquisadora, tornando-a caso privilegiado para análise de influência teórica. Do ponto de vista epistemológico, investigar como e em que contextos sua obra é acionada permite identificar se existe, ou está em formação, uma vertente teórico-crítica brasileira que incorpora suas contribuições sobre poder, representação e alteridade na OC. Permite observar, ainda, como o campo brasileiro dialoga, adapta ou ressignifica referenciais estrangeiros na construção de uma agenda própria de pesquisa.

2 A TEORIA CRÍTICA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

As estruturas classificatórias fundamentam os sistemas de organização do conhecimento (SOC). Assim, a teoria da classificação tem sido revisitada por diversos campos interessados, sobretudo, na tradição bibliotecária de tratamento de estruturas hierárquicas e categoriais, amplamente exploradas em sistemas de classificação bibliográfica e em tesauros. Esse aparato teórico-metodológico subsidia também o desenvolvimento de ontologias, taxonomias, folksonomia, entre outros sistemas reunidos sob a denominação genérica de SOC.

O alicerce das teorias críticas aplicadas à OC encontra-se na contraposição à ideia de neutralidade científica e técnica desses sistemas, compreendendo-os como construções sociais, históricas e políticas, permeadas por relações de poder e ideologias dominantes. Essa noção remete a Foucault, para quem o poder, dada sua natureza difusa, flui pelas estruturas sociais sem se localizar estritamente em nenhuma delas. Em suas palavras:

> [...] O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (Foucault, 1979, p. 8).

Em outros termos, a onipresença do poder reside em sua capilaridade; os SOC, portanto, não apenas "contêm" ideologias, mas funcionam como canais de seu exercício. Assim como inexiste uma episteme que se sobreponha de modo absoluto, é impossível uma OC puramente objetiva, pois essa demanda representaria, em última análise, a negação da própria OC.

Na literatura recente da OC, observa-se o surgimento de pesquisas teóricas e aplicadas voltadas à construção de representações documentárias orientadas pelas teorias críticas. Destacam-se alguns exemplos a seguir.

Berman (1993) reforça o caráter valorativo da representação documentária, não imune à reprodução de preconceitos, especialmente quando incorpora terminologias discriminatórias, estereótipos ou perspectivas dominantes. Em sentido próximo, Bowker e Star (2000) argumentam que as classificações incorporam valores e interesses e privilegiam determinados

pontos de vista, evidenciando suas implicações sociais, políticas e éticas.

Olson (2002a; 2002b) aprofunda essa crítica ao demonstrar que a pretensão de universalidade dos sistemas de classificação opera por exclusão e apagamento da diferença cultural: o poder de nomear delimita o visível e o invisível, silencia alteridades e naturaliza perspectivas particulares tomadas como neutras e totalizantes. Nesse mesmo sentido, Beghtol (2002) desenvolve o conceito de hospitalidade cultural, isto é, a capacidade de um sistema de classificação de acolher conceitos oriundos de outras culturas. Argumenta que conceitos tidos como universais são, na prática, culturalmente situados, e postula a necessidade de uma OC capaz de reconhecer e acolher a diversidade epistêmica.

Mai (2010; 2013; 2016) desenvolve uma crítica orientada pelos fundamentos epistemológicos e éticos da classificação, compreendida como atividade sempre contextual, social e valorativa; jamais neutra ou objetiva. Categorias não são reflexos da realidade, mas interpretações fundadas em referenciais socioculturais que podem produzir marginalização e exclusão, por isso exigem responsabilidade ética tanto na explicitação de seus pressupostos quanto na gestão de seus efeitos sociais. Guimarães e Pinho (2006) e Martínez-Ávila e Guimarães (2013) denunciam a aspiração à universalidade dos sistemas tradicionais como excludente e eurocêntrica, defendendo o questionamento de seus fundamentos à luz de perspectivas pós-estruturalistas, da pluralidade epistemológica e da responsabilidade ética atrelada a sua construção e uso.

Adler e Harper (2018) argumentam que os SOC funcionam como dispositivos de normalização que perpetuam violências sociais dirigidas a sexualidades dissidentes, comunidades negras e minorias étnicas. Desse modo, refletindo hierarquias de poder, os SOC patologizam, apagam e marginalizam. Além da leitura crítica desses sistemas, os autores citados defendem a formação de bibliotecários comprometidos com a justiça social e conscientes dos danos epistêmicos que produzem. Conforme o olhar pragmático de Hjørland (2020), a OC é inevitavelmente permeada por escolhas epistemológicas e valores e, desse modo, inevitavelmente política. Nesse mesmo sentido, Guimarães (2017) recusa a ilusão de neutralidade dos sistemas de classificação e reconhece o caráter situado do conhecimento como condição para uma OC mais honesta e rigorosa, pois a epistemologia supostamente apolítica é, na verdade, uma posição política disfarçada de objetividade.

Opondo-se à perspectiva tradicional, a Teoria Crítica, formulada por Horkheimer, recusa a alegação de neutralidade que leva o pensamento a simplesmente adaptar-se à realidade. A

Teoria Tradicional pretende apenas descrever e explicar o funcionamento da sociedade, mas, ao fazê-lo sem questionamento, acaba por perpetuar uma forma de dominação. Descrever sem questionar significa aceitar, o que equivale a legitimar a dominação (Nobre, 2004). A alegada universalidade dos SOC é, nesse sentido, sempre parcial, pois se sustenta pela exclusão sistemática do diferente, do que está à margem. Classificar, portanto, não é apenas organizar, é também exercer poder sobre o que merece ser visto, nomeado e legitimado (Olson, 2001).

O conceito de teoria crítica remete, assim, a um modo de romper com o mito da neutralidade da teoria tradicional em favor do desvelamento e do enfrentamento de estruturas opressoras. A lógica é reversível: assim como esses sistemas podem perpetuar injustiças e preconceitos, podem igualmente servir como instrumentos para mitigá-los.

2.2 SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO COMO INSTRUMENTOS RETÓRICOS

A perspectiva social da OC opera um movimento de resgate ao recolocar o sujeito e a experiência do usuário, ofuscados pelos ideais de objetividade positivista, no centro das reflexões. Trata-se de relativizar a distinção cartesiana sujeito cognoscente/objeto e de compreender o conhecimento como algo mediado pela experiência situada, isto é, produzido e representado a partir de uma posição sociocultural e histórica específica, e pela práxis.

O positivismo, afirmam Martínez-Ávila e Mello (2022), não encerra apenas um equívoco epistemológico enquanto filosofia da ciência, mas também político, na medida em que incentiva a conformidade. Ao apresentar o conhecimento como neutro, objetivo e desvinculado de interesses, o positivismo naturaliza as estruturas sociais existentes e desestimula o questionamento crítico. Na OC, esse efeito se traduziu na tendência a tratar sistemas de classificação como espelhos da realidade, ocultando as escolhas ideológicas e os valores sociais que os constituem, blindando-os, enfim, de qualquer contestação legítima. Não surpreende, aliás, que o surgimento dos grandes sistemas de classificação bibliográfica no final do século XIX, tenha ocorrido precisamente no auge do clima intelectual positivista.

Aristóteles (2019) conceituou a retórica como a faculdade de identificar, em cada situação, os meios disponíveis para produzir a persuasão. Nessa perspectiva, é relevante o enquadramento dos SOC como “instrumentos retóricos” (Martínez-Ávila; Mello, 2022). Atribuir-lhes o estatuto de instrumento retórico significa reconhecer que os SOC não apenas representam, mas também persuadem, produzindo efeitos de sentido ancorados em sua aparência de autoridade e neutralidade. As escolhas que o constituem, portanto, orientam

percepções, legitimam determinados pontos de vista e marginalizam outros.

Por esse prima, é possível identificar como elementos retórico-persuasivos nos SOC: a) a estrutura hierárquica, que naturaliza, por meio de relações genéricas e partitivas, conexões que são, na verdade, frutos de escolhas interpretativas; b) a terminologia, cuja seleção de termos autorizados como descritores determina o modo como os conceitos serão percebidos e recuperados, explicitando "o poder de nomear"; c) a própria aparência de neutralidade e objetividade técnica, que é em si mesma retórico-persuasiva, pois, ao se apresentar como natural e inevitável, oculta a hipótese de organização que a sustenta, isto é, os pressupostos sobre a ordem das coisas que orientam e constrangem todas as decisões classificatórias. Conforme destacaram Bowker e Star (2000), os sistemas de classificação cujos efeitos são mais deletérios são precisamente os que são invisíveis.

A abordagem tradicional da OC tem sido criticada também por contribuir para processos de epistemicídio, isto é, para a desqualificação, invisibilização e anulação de conhecimentos produzidos por populações historicamente marginalizadas (Garcez; Sales, 2022). Essa dinâmica está associada à persistência das colonialidades do saber, uma vez que os sistemas de classificação, indexação e representação foram predominantemente construídos a partir de referenciais epistemológicos europeus e estadunidenses, frequentemente apresentados como universais e neutros (Garcez; Sales, 2021). Como resultado, outras formas de conhecer e interpretar o mundo são subordinadas, silenciadas ou excluídas. Nesse sentido, as críticas ao epistemicídio e às colonialidades evidenciam que os SOC participam ativamente da produção, legitimação e circulação de determinadas visões de mundo.

2.3 AS CONTRIBUIÇÕES DE HOPE A. OLSON

A obra de Hope Olson constitui uma das contribuições mais consistentes e influentes à abordagem crítica dos fundamentos epistemológicos da OC. Este trabalho não comporta uma análise exaustiva. Destacam-se apenas alguns aspectos que evidenciam a agudeza de seu olhar crítico. Em *The Power to Name*, sua obra mais conhecida, Olson (2002a) argumenta que os sistemas de classificação bibliográfica, com atenção especial à CDD, na qual centra a análise, não são meros instrumentos de organização e muito menos neutros; são dispositivos que servem ao poder por meio da linguagem. Nomear um assunto, atribuir-lhe um lugar na hierarquia classificatória, defini-lo por suas relações de semelhança e diferença são atos que carregam consequências políticas: determinam o que é visível e o que permanece invisível, o que é central

e o que é marginal.

Apoiada em Derrida e na lógica da diferença, Olson (1998; 1999; 2001; 2002a) argumenta que os sistemas de classificação operam por oposições binárias nas quais um dos elementos é privilegiado e o outro definido negativamente, isto é, por aquilo que lhe falta em relação ao primeiro. É o que ocorre, por exemplo, com os pares universal/particular, norma/desvio e centro/margem. Essa lógica inscrita nas estruturas classificatórias reproduz e legitima as hierarquias presentes nas instituições sociais mais amplas.

A contribuição de Olson não é apenas descritiva, mas também propositiva. Ao revelar os limites e os mecanismos de exclusão dos SOC, abre caminho para uma OC comprometida com a alteridade: capaz de acolher o diferente sem reduzi-lo aos termos do próprio sistema (isto é, sem assimilá-lo) e de reconhecer a parcialidade de qualquer sistema como condição de sua responsabilidade ética (Olson, 2001).

A exclusão de saberes produzidos por populações marginalizadas nos SOC é um dos traços estruturais que os trabalhos de Olson ajudam a evidenciar. Essa capacidade de sustentar generalizações críticas mais amplas os converteu em referência obrigatória em pesquisas sobre gênero, sexualidade, epistemologia crítica, justiça social e suas intersecções com a OC. Não por acaso, sua obra tem inspirado diversos estudos, tais como os de Mai (2016), Milani (2010; 2014), Adler e Harper (2018) e Guimarães; Bagatini (2025), entre tantos outros.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico foi desenvolvido em duas etapas. Na primeira, realizou-se uma análise descritiva da produção científica com uso de indicadores bibliométricos para identificar a presença da obra de Hope Olson na literatura científica brasileira, mapeando a evolução temporal das publicações, bem como os principais autores, periódicos, eventos e comunidades científicas envolvidos em sua recepção. Na segunda etapa, foi empregada a análise de conteúdo (Bardin, 2016) para examinar os contextos em que a obra de Olson é citada e identificar os principais sentidos atribuídos às suas contribuições pelos pesquisadores brasileiros.

A coleta de dados compreendeu o período de 2002 a 2026. A opção por esse intervalo ancora-se na data de publicação de *The power to name* (Olson, 2002a), considerada a principal obra da pesquisadora, em torno da qual se orbita uma parte de sua produção.

O corpus da pesquisa foi constituído por trabalhos publicados no Brasil que citam e/ou referenciam Hope Olson e que foram publicados alternativamente em periódicos científicos do

campo da ciência da informação, nos anais da ISKO-Brasil ou nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), além de outros eventos indexados na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI).

A etapa inicial de coleta foi realizada na BRAPCI por meio de buscas no seu índice de assuntos. Para isso, selecionaram-se termos relacionados à teoria da classificação e à OC, incluindo variações ortográficas (contemplando erros de digitação) e terminológicas registradas no próprio vocabulário da base. Desse modo, foi possível localizar os trabalhos que traziam como palavras-chave "classificação" e/ou "organização do conhecimento" e que continham referências a Olson. Inicialmente, foram recuperados 825 registros, dos quais 118 continham referências à obra de Olson. Entretanto, havia duplicações e documentos sem texto completo disponível para consulta. Superados esses obstáculos, o corpus proveniente da BRAPCI foi reduzido para 91 documentos.

Também foram examinados os sete volumes dos anais da ISKO-Brasil disponíveis na *web*, nos quais foram identificados 48 trabalhos. Desse total, seis registros foram excluídos do corpus: três pelo tipo de documento (textos de apresentação e de conclusão dos anais) e três por serem de autoria de Hope Olson, ou seja, partes de sua própria obra e, portanto, incompatíveis com os objetivos desta pesquisa. Ao final, contabilizaram-se 42 trabalhos. Esses documentos são designados genericamente como "trabalhos" para padronizar a terminologia adotada, uma vez que os seis primeiros volumes foram publicados em formato de livro, sendo os textos que os compõem, portanto, capítulos; o sétimo foi disponibilizado em hipertexto na página da ISKO-Brasil, configurando trabalhos em anais.

Posteriormente, realizou-se a verificação de sobreposição entre os resultados. Foram identificados seis artigos recuperados simultaneamente na BRAPCI e nos anais da ISKO-Brasil. Após a eliminação das duplicidades, o corpus consolidado passou a ser composto por 127 trabalhos, constituindo o universo de análise desta pesquisa.

Para a análise, foram extraídas, inicialmente, as unidades de registro. Para cada documento citante, foi elaborada uma ficha contendo: referências completas, obras de Hope Olson citadas, localização das ocorrências, excertos e observações sobre o contexto da citação. Posteriormente, procedeu-se à leitura analítica das fichas, em cotejo com o documento-fonte, e à categorização temática das ocorrências identificadas. As categorias foram definidas *a priori*, orientadas pelo referencial teórico da pesquisa (Quadro 1).

Quadro 1 – Categorias de análise

Categoria	Subcategoria
Aspectos epistemológicos	Críticas ao universalismo e à lógica classificatória tradicional
Aspectos éticos	Exclusão, invisibilidade, e marginalização como efeitos simbólicos
Aspectos socioculturais	Gênero, diversidade e alteridade
Aspectos políticos	Poder, hegemonia e colonialidade
Apropriações metodológicas	Aplicações das ideias de Olson no desenvolvimento de soluções

Fonte: elaboração própria (2026).

Essa categorização permitiu identificar os principais padrões de recepção da obra de Hope Olson na ciência da informação brasileira, bem como compreender os contextos teóricos, metodológicos e políticos em que suas contribuições vêm sendo citadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação e discussão dos resultados organiza-se em duas perspectivas complementares: uma quali-quantitativa e outro qualitativa.

4.1 PERSPECTIVA QUALI-QUANTITATIVA

Foram identificados 127 trabalhos brasileiros que citam e/ou referenciam a obra de Hope Olson, publicados entre 2002 e 2026. O uso de "e/ou" justifica-se porque a correspondência entre citação e referência nem sempre foi observada nos trabalhos: em 28 deles a autora aparece citada sem constar nas referências; em três, o movimento inverso: a autora figura nas referências sem ser citada no texto; em quatro, a autora aparece apenas no resumo. Esses trabalhos, embora contrariem critérios elementares de redação científica, foram mantidos no corpus por evidenciarem, eles próprios, modos particulares de recepção.

O conceito de recepção, neste trabalho, refere-se a um conjunto de apropriações documentadas de uma obra, considerando tanto aspectos quantitativos quanto os contextos argumentativos.

Os primeiros registros foram identificados em 2004, com apenas um trabalho publicado nesse ano, seguido por ocorrências não concentradas até 2012. A partir de 2013 observa-se um crescimento mais consistente da presença de Olson na literatura brasileira, com sete trabalhos publicados nesse ano e um aumento progressivo até 2015, quando foram identificados onze trabalhos

O pico da produção ocorreu em 2017, com 23 trabalhos publicados. Esse crescimento

coincide com a ampliação dos debates sobre diversidade, representação social, ética e inclusão nos SOC e acompanha tendências internacionais do campo. A obra de Olson passou a ser utilizada para questionar a neutralidade dos sistemas de classificação e evidenciar seus efeitos sobre grupos historicamente marginalizados.

Entre 2019 e 2025 foram identificados 63 trabalhos. Nesse intervalo, verificou-se uma diversificação temática nas apropriações de sua obra, abrangendo questões relacionadas à representação de minorias, ética da informação, viés, mediação, controle terminológico, gênero, raça, diversidade cultural e justiça social. Desse modo, os estudos passam a dialogar com diferentes agendas críticas de pesquisa em OC.

A análise do corpus revela uma comunidade de pesquisadores responsável pela circulação e consolidação das ideias de Olson no Brasil. Os autores mais recorrentes foram Guimarães (n=23), Martínez-Ávila (n=10), Sales (n=9) e Milani (n=8).

No que se refere aos espaços de circulação científica, observou-se maior concentração da recepção da obra de Olson na comunidade de pesquisadores vinculados, por exercício profissional ou formação acadêmica, à Universidade Estadual Paulista (n=18). Outras instituições que se destacaram foram: Universidade Federal Fluminense (n=6) e Universidade Federal de Santa Catarina (n=5).

Em relação aos veículos de publicação, destacam-se os anais dos congressos ISKO-Brasil (n=36) e do ENANCIB, com foco no GT2 (n=15), seguidos pelos periódicos *Scire* (n=10), *Informação & Informação* (n=8), *Encontros Bibli* (n=8), *Logeion* (n=5) e *Em Questão* (n=5).

Quanto às temáticas abordadas, os resultados evidenciam que a recepção da obra de Olson está fortemente associada às críticas às pretensões de universalidade dos SOC tradicionais, especialmente a CDD e os LCSH. Outros temas recorrentes incluem a marginalização de grupos sociais, a representação temática, a exclusão classificatória, o poder de nomeação, a ética da informação, a discriminação, a mediação e o controle terminológico.

O livro *The power to name* (OLSON, 2002a), citado 59 vezes, destaca-se como a principal referência utilizada e configura um eixo teórico relevante no conjunto da recepção. Os resultados indicam que discussões sobre representação, sistemas de classificação e invisibilização de grupos minoritários constituem o núcleo da apropriação do pensamento de Olson no Brasil. Enquanto parte dos trabalhos cita diretamente suas obras como fundamento teórico, outra parece recorrer às suas ideias de modo indireto, mediada por autores brasileiros que já incorporaram suas discussões. Esse fenômeno pode indicar a consolidação de um

processo de circulação derivada de conceitos, no qual determinadas formulações passam a integrar o repertório teórico da OC no Brasil, sem exigir consulta direta às obras originais.

4.2 PERSPECTIVA QUALITATIVA: A RECEPÇÃO DA OBRA DE OLSON

Para aprofundar a análise qualitativa do corpus, elaborou-se uma ficha individual para cada trabalho, na qual foram registradas todas as ocorrências de citação e/ou referência à autora, com indicação do parágrafo em que a menção ocorreu, a referência bibliográfica do trabalho analisado e a obra de Olson citada. Além da frequência de citação, esse procedimento permitiu identificar os conceitos apropriados e analisar os contextos de uso. Os resultados da categorização e análise do corpus são apresentados na sequência.

4.2.1 Aspectos epistemológicos

Os trabalhos incluídos nessa categoria citam Olson para problematizar os fundamentos teóricos dos SOC, questionando pressupostos historicamente naturalizados, como o mito da neutralidade, o universalismo, a objetividade e a naturalidade das hierarquias classificatórias. Nessa perspectiva, a comunidade acadêmica analisada ancora-se na obra de Olson para demonstrar que os sistemas de classificação não são construções neutras, mas instrumentos socioculturais produzidos em contextos históricos específicos. Diversos desses estudos retomam as críticas de Olson à lógica aristotélica, à organização hierárquica do conhecimento e às categorias mutuamente exclusivas que estruturam sistemas como a CDD. As discussões de Sales (2016, 2017), Ferreira e Sales (2019) e Biano e Menezes (2024) exemplificam essa vertente ao questionar o projeto universalista das classificações bibliográficas e discutir seus fundamentos filosóficos.

Outro traço recorrente é a crítica à racionalidade ocidental como parâmetro único para a OC. Nesses trabalhos, Olson é frequentemente associada a perspectivas pós-estruturalistas que defendem a pluralidade epistemológica e reconhecem múltiplas formas de conhecer e representar a realidade.

4.2.2 Aspectos éticos

Essa categoria reúne trabalhos centrados nas implicações éticas dos SOC, especialmente no modo como determinadas estruturas de classificação produzem exclusão, invisibilidade e marginalização de sujeitos e grupos sociais. Os estudos incluídos nessa categoria utilizam Olson para evidenciar que os SOC não apenas organizam o conhecimento e instrumentalizam a

organização da informação, mas legitimam visões de mundo e reproduzem desigualdades sociais. Nesse contexto, conceitos como viés, discriminação, preconceito classificatório, justiça informacional e hospitalidade cultural são recorrentes.

Trabalhos como os de Pinho e Milani (2020), Zamboni e Francelin (2016), Milani e Guimarães (2017), e Corrêa, Milani e Tognoli (2024) utilizam a obra de Olson para explicitar como opções por determinadas terminologias e estruturas hierárquicas reforçam exclusões históricas e dificultam a representação adequada de grupos marginalizados.

Destaca-se, novamente, a influência particular da obra *The Power to Name* (Olson, 2002a), frequentemente citada para discutir a responsabilidade ética dos profissionais da informação diante das consequências sociais da representação documentária. Assim, a OC é compreendida como uma prática que envolve escolhas éticas, comprometida com a inclusão, o respeito à diversidade e a justiça social nas representações documentárias.

4.2.3 Aspectos socioculturais

Nesta categoria, Olson é citada principalmente para analisar a representação de grupos historicamente marginalizados e discutir as limitações dos sistemas de classificação para abarcar a diversidade cultural e representá-la de modo inclusivo. Os trabalhos incluídos nesta categoria abordam temas como gênero, feminismos, sexualidade, população LGBTQIA+, raça, religiões não hegemônicas, povos indígenas e multiculturalismo. Em todos esses contextos, a obra de Olson é citada para demonstrar que as classificações refletem relações de poder e valores culturais específicos; privilegiam determinados grupos em detrimento de outros. Os estudos de Nascimento e Guimarães (2017), Silva e Almeida (2017), Mosso e Gracioso (2022) e Sales e Martínez-Ávila (2025) exemplificam essa vertente ao analisar como os sistemas de classificação invisibilizam identidades, simplificam experiências sociais complexas ou reforçam relações de desigualdade. Um elemento comum a esses trabalhos é a utilização das discussões de Olson sobre cultura e marginalização para defender formas mais inclusivas de representação do conhecimento.

4.2.4 Aspectos políticos

Os trabalhos incluídos nesta categoria utilizam a obra da pesquisadora para compreender os SOC como espaços de disputa simbólica, por meio dos quais se exercem relações de poder e se operam mecanismos de legitimação social. O conceito de “poder de

nomear", desenvolvido por Olson (2002a), constitui o principal elemento articulador desta categoria. A partir dele, diversos autores argumentam que os sistemas de classificação não apenas descrevem a realidade, mas participam ativamente da sua construção. Assim, nomear, categorizar e representar tornam-se práticas políticas que influenciam a visibilidade, a legitimidade e o reconhecimento de grupos sociais.

Trabalhos como os de Farias, Almeida e Martínez-Ávila (2015), Garcez e Sales (2021; 2024) e Vanin, Silva e Sales (2025) citam Olson para discutir hegemonia cultural, colonialidade, dominação simbólica e exclusão. Observa-se que essa categoria articula-se frequentemente à crítica epistemológica, uma vez que a universalidade dos sistemas de classificação é interpretada como expressão de relações históricas de poder. Dessa forma, a recepção política da obra de Olson contribui para compreender a OC como prática social permeada por conflitos, disputas e interesses.

4.2.5 Apropriações metodológicas

Embora menos frequente que as demais categorias, a apropriação metodológica revela uma dimensão importante da recepção da obra de Olson no Brasil. Nesses trabalhos, suas contribuições são empregadas como fundamento para a construção de modelos analíticos, metodologias de pesquisa e propostas de intervenção em SOC. Os estudos de Fujita (2013), Gabriel Junior e Laipelt (2017), Tartarotti, Dal'Evedove e Fujita (2017) e Guimarães (2024) ilustram essa tendência.

Nesses casos, a obra de Olson é citada para orientar análises de representação temática, construção de tesauros, avaliação de sistemas de classificação e desenvolvimento de SOC mais sensíveis às diferenças culturais. Esse resultado indica que a influência da obra de Olson não se restringe às críticas teóricas. Suas proposições também fundamentam aplicações concretas, contribuindo para o desenvolvimento de abordagens metodológicas capazes de incorporar diversidade, pluralidade e contextualização aos processos de organização do conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de parte da obra de Olson e de parcela de sua fortuna crítica permite inferir algumas linhas, a título de sistematização e como esboço de agenda de pesquisa: a) a desconstrução do mito da neutralidade, isto é, a assunção de que os SOC não são espelhos da realidade, mas instrumentos retóricos. O que se apresenta como universal nesses sistemas é, na verdade, uma perspectiva particular que silencia formas de saber não previstas pelo sistema;

b) a transição da teoria matemática para a teoria crítica da informação, pela qual a informação passa a ser compreendida como fenômeno histórico e social, articulado às dimensões técnica, ética e emancipatória; c) o foco nos grupos marginalizados pelos SOC, expresso na preocupação com a sub-representação e os vieses de representação de mulheres, da população LGBTQIA+ e de grupos religiosos específicos, entre outros.

Os motivos pelos quais um pesquisador cita outro são diversos. Campanario (2003) sintetiza-os em quatro categorias: a) dar crédito; b) identificar trabalhos anteriores para comentar, corrigir ou criticar; c) fundamentar afirmações e persuadir (argumento de autoridade); d) citar pesquisadores de prestígio, caso em que incidem as chamadas citações "perfunctórias", isto é, aquelas feitas de modo protocolar, para agregar prestígio ao próprio trabalho, sem que o autor se apoie realmente no trabalho citado.

Esta pesquisa permite destacar algumas evidências: a) a apropriação das ideias de Olson no Brasil opera, em parte, como argumento de autoridade; b) sua recepção no Brasil é predominantemente conceitual, mais do que metodológica; c) parte significativa das citações ocorre de modo indireto, mediada por outros autores.

Sob uma perspectiva hermenêutica, as diversas citações à obra da pesquisadora nunca recuperam o original: elas o recriam. O que os pesquisadores brasileiros leram em Olson não é necessariamente o que Olson escreveu, como em qualquer outro caso. Nesse sentido, os resultados apresentados contribuem para a identificação de uma recepção crítica brasileira da perspectiva de Hope Olson e apontam alguns caminhos possíveis para o avanço desses estudos.

REFERÊNCIAS

ADLER, Melissa; HARPER, Lindsey M. Race and ethnicity in classification systems: teaching knowledge organization from a social justice perspective. **Library Trends**, [*s. l.*], v. 67, n. 1, p. 52-73, 2018. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/items/108095. Acesso em: 12 set. 2026.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.

BEGHTOL, Clare. Universal concepts, cultural warrant, and cultural hospitality. *In*: LOPEZ HUERTAS, M. J. (ed.). **Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century**: integration of knowledge across boundaries. Würzburg: ERGON-Verlag, 2002. p. 45-49.

BERMAN, Sanford. **Prejudices and antipathies**: a tract on the LC Subject Heads concerning people. Jefferson: McFarland, 1993.

BIANO, Pollyana dos Santos; MENEZES, Vinícius Souza de. A classificação de Arthur Bispo do Rosário: um inventário dissidente. *In*: SEMINÁRIO DE INFORMAÇÃO, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, 6., 2024, Maceió. **Anais** [...]. Maceió: SITI, 2024. Disponível em: https://observinter.al.org.br/index.php/siti/pt_BR/article/view/163. Acesso em: 12 set. 2026.

BOWKER, Geoffrey C.; STAR, Susan L. **Sorting things out**: classification and its consequences. Cambridge: Mit Press, 2000.

CAMPANARIO, Juan Miguel. Citation analysis. *In*: FEATHER, John; STURGES, Paul. (ed.). **International encyclopedia of information and library science**. 2. ed. London: Routledge, 2003. p. 76-78.

CORRÊA, Lucas Andrade Sá; MILANI, Suellen Oliveira; TOGNOLI, Natália Bolfarini. Ética e organização do conhecimento: fundamentos para uma abordagem crítica e orientada para a justiça social. **Logeion**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-17, jan./jun. 2024. Disponível em: https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/6934. Acesso em: 12 set. 2026.

FARIAS, Mona Cleide Quirino da Silva; ALMEIDA, Carlos Cândido; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. A mediação no domínio da organização do conhecimento. *In*: GUIMARÃES, José Augusto Chaves; DODEBEI, Vera (org.). **Organização do conhecimento e diversidade cultural**. Marília: ISKO-Brasil; FUNDEPE, 2015. p. 630-642.

FERREIRA, Verônica S.; SALES, Rodrigo. Construção filosófica das artes na classificação de William Torrey Harris: a teoria refletida na CDD. *In*: CONGRESSO ISKO BRASIL, 6., 2019, Belém. **Anais** [...]. Belém: ISKO Brasil, 2019. p. 28-38. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/123183. Acesso em: 12 set. 2026.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13.ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A importância teórica e prática da indexação na fundamentação científica da organização e representação do conhecimento. *In*: DOBEDEI, Vera; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. (org.). **Complexidade e organização do conhecimento**: desafios de nosso século. Rio de Janeiro: ISKO-Brasil; Marília: FUNDEPE, 2013. p. 147-159. Disponível em: https://isko.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Proceedings-ISKO-Brasil-2013.pdf. Acesso em: 12 set. 2026.

GABRIEL JUNIOR, Rene Faustino; LAIPELT, Rita Carmo. Requisitos semânticos para a modelagem e aperfeiçoamento de tesauros. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais** [...]. Marília: ANCIB; Cultura Acadêmica, 2017. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br//download/104726. Acesso em: 12 set. 2026.

GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo de. Olhares decoloniais em organização do conhecimento: uma análise das publicações do periódico Knowledge Organization (2000-2020). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANCIB, 2021. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/192882. Acesso em: 12 set. 2026.

GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo. Teorias críticas utilizadas por autores latino-americanos em organização do conhecimento. *In*: SALDANHA, Gustavo Silva; ALMEIDA, Tatiana; SILVEIRA, Naira Christofoletti. (org.). **Teorias críticas em organização do conhecimento**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. p. 91-107.

GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo. A escala de decolonialidade para estudos em organização do conhecimento (EDEOC) e o enfrentamento às violências colonizadoras. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 17, p. 1-22, 2024. Disponível em: https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/688. Acesso em: 12 set. 2026.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Slanted knowledge organization as a new ethical perspective. *In*: ANDERSEN, Jack; SKOUVIG, Laura. (org.). **The organization of knowledge caught between global structures and local meaning**. Bingley: Emerald Publishing, 2017, v. 12, p. 87-102.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A análise de domínio como perspectiva teórico-metodológica: uma análise dos aspectos teóricos na literatura internacional na organização do conhecimento. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 644-677, set./dez. 2024. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/53674?articlesBySimilarityPage=6. Acesso em: 12 set. 2026.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; BAGATINI, José Augusto. As dimensões do poder de nomear na organização e representação do conhecimento. *In*: RIBEIRO, Fernanda (coord.). **Desafios éticos na organização do conhecimento**. Porto: CITCEM, 2025. v. 2. p. 7-31.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; PINHO, Fábio Assis. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento (ORC). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. **Anais** [...]. Marília: Ancib, 2006. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/174706. Acesso em: 12 set. 2026.

HJØRLAND, Birger. Political versus apolitical epistemologies in knowledge organization. **Knowledge Organization**, [*s. l.*], v. 47, n. 6, p. 461-485, 2020. Disponível em: https://researchprofiles.ku.dk/en/publications/political-versus-apolitical-epistemologies-in-knowledge-organizat/. Acesso em: 12 set. 2026.

MAI, Jens-Erik. Classification in a social world: bias and trust. **Journal of Documentation**, [*s. l.*], v. 66, n. 5, p. 627-642, 2010. Disponível em: https://www.emerald.com/jd/article-abstract/66/5/627/204299/Classification-in-a-social-world-bias-and-trust?redirectedFrom=fulltext. Acesso em: 12 set. 2026.

MAI, Jens-Erik. Ethics, values and morality in contemporary library classifications. **Knowledge Organization**, [*s. l.*], v. 40, n. 4, p. 242-253, 2013. Disponível em: https://www.imrpress.com/journal/KO/40/4/10.5771/0943-7444-2013-4-242. Acesso em: 12 set. 2026.

MAI, Jens-Erik. Marginalization and exclusion: unraveling systemic bias in classification. **Knowledge Organization**, [*s. l.*], v. 43, n. 5, p. 324-330, 2016. Disponível em: https://jenserikmai.info/Papers/2016_festschrift.pdf. Acesso em: 12 set. 2026.

MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; GUIMARÃES, José Augusto. Library classifications criticisms universality, poststructuralism and ethics. **Scire**, Zaragoza, v. 19, n. 2, p. 21-26, jul./dic. 2013. Disponível em: https://ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/4081. Acesso em: 12 set. 2026.

MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; MELLO, Mariana Rodrigues Gomes de. Da Teoria Crítica às Teorias Críticas: o percurso das reivindicações na Organização do Conhecimento. *In*: SALDANHA, Gustavo Silva; ALMEIDA, Tatiana; SILVEIRA, Naira (org.). **Teorias críticas em organização do conhecimento**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. p. 21-33.

MILANI, Suellen Oliveira. **Estudos éticos em representação do conhecimento**: uma análise da questão feminina em linguagens documentais brasileiras. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/9487cdf6-b5e9-4c5b-91ff-5e27864cd672/content. Acesso em: 12 set. 2026.

MILANI, Suellen Oliveira. **Bias na representação de assunto**: uma discussão de oposições binárias nos Functional Requirements for Subject Authority Data (FRSAD). Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014. Disponível em: https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/100642/bias-na-representacao-de-assunto-uma-discussao-de-oposicoes. Acesso em: 12 set. 2026.

MILANI, Suellen Oliveira; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Problemas relacionados a biases em sistemas de organização do conhecimento: perspectivas para a representação de assunto. *In*: PINHO, Fabio Assis; GUIMARÃES, José Augusto Chaves (org.). **Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento**. Recife: Ed. UFPE, 2017. p. 399-408.

MOREIRA, Walter; SILVA, Amanda Mendes da. Problemas de representação em sistemas de organização do conhecimento: uma análise crítica sob a perspectiva de grupos marginalizados. *In*: CARVALHO, Milena; MARTINS, Susana; FERREIRA, Olga; BRAGA, Inês. (ed.). **Formação e investigação em ciência da informação**: oportunidades e desafios: livro de atas do XI Encontro EDICIC Ibérico. Porto: Politema, 2026. p. 764-775. Disponível em: https://edicoes.ipp.pt/index.php/books/catalog/book/165. Acesso em: 12 set. 2026.

MOSSO, Erick Faria; GRACIOSO, Luciana de Souza. Reflexões preliminares sobre comunidade LGBTQIA+ e teoria queer nos estudos informacionais. **Revista EDICIC**, San José, Costa Rica, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2022.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; GUIMARAES, José Augusto Chaves. A contribuição da organização do conhecimento na representação da informação em contextos lgbt: interpelações acerca da linguagem. *In*: PINHO, Fabio Assis; GUIMARÃES, José Augusto Chaves (org.). **Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento**. Recife: Ed. UFPE, 2017. p. 351-360.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

OLSON, Hope A. Mapping beyond Dewey's boundaries: constructing classificatory space for marginalized knowledge domains. **Library Trends**, [*s. l.*], v. 47, n. 2, p. 233-254, fall 1998. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/items/8169. Acesso em: 12 set. 2026.

OLSON, Hope A. Exclusivity, teleology and hierarchy: our aristotelean legacy. **Knowledge Organization**, [*s. l.*], v. 26, n. 2, p. 65-73, 1999. Disponível em: storage.imrpress.com/imr/journal/KO/article/505801/1752848195644.pdf. Acesso em: 12 set. 2026.

OLSON, Hope A. Patriarchal structures of subject access and subversive techniques for change. **The Canadian Journal of Information and Library Science**, [*s. l.*], v. 26, n. 2/3, p. 1-29, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286803860_Patriarchal_structures_of_subject_access_and_subversive_techniques_for_change. Acesso em: 12 set. 2026.

OLSON, Hope A. **The power to name**: locating the limits of subject representation in libraries. Dordrecht: Kluwer Academic, 2002a. Disponível em: https://link.springer.com/book/10.1007/978-94-017-3435-6. Acesso em: 12 set. 2026.

OLSON, Hope A. Classification and universality: application and construction. **Semiotica**, [*s. l.*], v. 139, n. 1/4, p. 377-391, 2002b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249934526_Classification_and_universality_Application_and_construction. Acesso em: 12 set. 2026.

PINHO, Fábio Assis; MILANI, Suellen Oliveira. Ética em organização do conhecimento: categorização de termos fronteiriços em relação a gênero e sexualidade. **Logeion,** Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 84-103, mar./ago. 2020. Disponível em: https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5121/. Acesso em: 12 set. 2026.

SALES, Rodrigo de. Classificações bibliográficas e classificações arquivísticas: diferenças e semelhanças na organização do conhecimento. **Scire**, Zaragoza, v. 22, n. 1, p. 65-77, jan./jun. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357738920_Classificacoes_bibliograficas_e_classificacoes_arquivisticas_diferencas_e_semelhancas_na_organizacao_do_conhecimento. Acesso em: 12 set. 2026.

SALES, Rodrigo de. A classificação de livros de William Torrey Harris: influências de Bacon e Hegel nas classificações de biblioteca. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 188-204, set./dez. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p188. Acesso em: 12 set. 2026.

SALES, Rodrigo de; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Uma organização do conhecimento guarani na perspectiva da interculturalidade crítica. *In*: LAIPELT, Rita do Carmo F. *et al*. (org.). **Inteligência artificial na organização do conhecimento**: usos e reflexões. Canela: ISKO Brasil, 2025. Disponível em: https://isko.org.br/ojs/index.php/iskobrasil/article/view/8. Acesso em: 12 set. 2026.

SILVA, Marcio F.; ALMEIDA, Carlos C. A representação do negro nos sistemas de organização do conhecimento no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais** [...] Marília: ANCIB; Cultura Acadêmica, 2017.

TARTAROTTI, Roberta Cristina Dal' Evedove Tartarotti; DAL' EVEDOVE, Paula Regina; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Concepções de docentes brasileiros sobre o ensino da análise de assunto. *In*: PINHO, Fabio Assis; GUIMARÃES, José Augusto Chaves (org.). **Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento**. Recife: Ed. UFPE, 2017. p. 111-119.

VANIN, Luís Fernando; SILVA, André Luiz Avelino; SALES, Rodrigo de. Desclassificação e resistência: superando hierarquias na organização do conhecimento. *In*: LAIPELT, Rita do Carmo Ferreira; DIAS, Célia da Consolação; GRACIOSO, Luciana de Souza; GABRIEL JÚNIOR, Rene Faustino. (org.). **Inteligência artificial na organização do conhecimento**: usos e reflexões. Canela: ISKO Brasil, 2025. Disponível em: https://isko.org.br/ojs/index.php/iskobrasil/article/view/33. Acesso em: 12 set. 2026.

ZAMBONI, Rita Costa Veiga; FRANCELIN, Marivalde Moacir. Garantia cultural, garantia ética e hospitalidade na organização e representação do conhecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais** [...] São Paulo: ANCIB; UFBA, 2016. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/002793479. Acesso em: 12 set. 2026.